

Brasil, um país doente

MARIO DA COSTA CARDOSO FILHO

O Brasil vive uma situação contraditória no setor de Saúde: embora tecnicamente a medicina esteja no mesmo nível dos países desenvolvidos, a população padece de males que até companheiros de Terceiro Mundo orgulham-se de ter extinguido. Acompanhamos com angústia o momento atual, de tamanha desconsideração oficial para com o ser humano. Pelo menos no setor da Saúde, a incúria e o descompromisso do Governo fazem crescer a mortalidade infantil, avança a cólera, exporta-se malária, aumenta a tuberculose, há surtos de hepatite, numa composição macabra de erros sobre erros.

Está claro que o ressurgimento de doenças consideradas erradicadas tem a ver com décadas de investimentos baixíssimos em Saúde e em saneamento básico. Em 1992, o Governo Federal gastou apenas 1% do Produto Interno Bruto (PIB) em Saúde, enquanto em países europeus esta porcentagem chega a 10%. E ainda não será desta vez que o quadro terá chances de ser revertido, apesar das constantes denúncias de entidades médicas: o Congresso Nacional aprovou um orçamento para este ano, onde os recursos à Saúde são 40% inferiores aos de 1992.

Nem os números recentemente divulgados pela Escola Nacional de Saúde Pública são suficientes para sensibilizar os governantes e os congressistas deste País. Senão vejamos: vêm sendo registrados de 25 a 27 mil casos de hanseníase por ano nas regiões Norte,

Nordeste e Sudeste; 23 a 25 mil casos anuais de leishmaniose nas regiões Norte, Nordeste e em alguns pontos do Sudeste; 530 mil casos de malária por ano só nos estados do Amazonas e Pará; 60 a 80 mil incidências de tuberculose por ano em todo o território nacional; cinco milhões de casos por ano de Doença de Chagas, somente no litoral; e 4,5 milhões de casos anuais de esquistossomose no Nordeste. Nunca chegaremos a ser um país do Primeiro Mundo com esse caótico quadro.

Não se poderá jamais argumentar que se chegou a esse ponto por falta de conhecimento da realidade. Os governantes, seja em nível estadual ou federal, vêm sendo insistentemente alertados e cobrados pela sociedade civil, que quer soluções para o caos no atendimento à Saúde. As considerações, o Governo responde com mais imobilismo e com a manutenção da política econômica, distanciando a população de uma assistência médico-hospitalar digna e livre de doenças.

Boas intenções e indignação do nosso Presidente não levam a lugar nenhum se não forem acompanhadas de firmes medidas. Para nós, a solução está numa palavra: financiamento. E numa decisão imediata, da parte do Governo, em rever a destinação de recursos à Saúde. Sem isso, ficaremos, a cada dia mais, um País "doente" e sem perspectivas.

■ Mario da Costa Cardoso Filho é presidente da Associação Médica Brasileira